

Acervo IN ISA

K4R00017

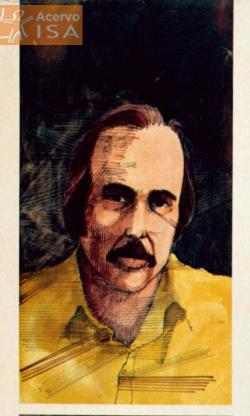
DOCUMENTÁRIO

PARA EXPULSAR OS ÍNDIOS DA TERRA, NO SUL DO BRASIL, OS BUGREIROS SO TINHAM UM METODO

MASSACRE



REV. DO HOMEM ABR. 1976



SÍLVIO COELHO DOS SANTOS nasceu em 1938, em Florianópolis, onde atualmente é professor na Universidade Federal de Santa Catarina, cargo que acumula com suas funções de diretor do Museu de Antropologia daquela mesma Universidade.

Licenciado em História em 1961, no ano seguinte freqüentou um curso de especialização em Antropologia Cultural e Sociologia Comparada no Museu Nacional e, em 1972, obteve o título de Doutor em Ciências (Antropologia) ao defender tese na Universidade de São Paulo.

Apaixonado estudioso da cultura indigena, desde 1963 o professor Silvio vem realizando coleta de documentos e fazendo pesquisas de campo sobre o assunto – material que foi reunido em sua monografia Índios e brancos no sul do Brasil – A dramática experiência dos Xoklengs, publicada em pequena tiragem em 1973.

Foi justamente para que a espantosa realidade que descobriu em suas pesquisas não ficasse limitada a um restrito círculo de especialistas que Silvio concordou em dar um tratamento literário ao depoimento de um autêntico caçador de índios descoberto por ele no Paraná, em 1972, e que Homem apresenta neste documentário.

em quase cinqüenta anos que eu moro aqui, moço, e nesse tempo os índios mataram um bocado de gente. Mataram o Balduíno. Mataram o pai do meu tio. Mataram dois imigrantes. Feriram dois ou três brasileiros e um colono. Um dia, ainda no claro, roubaram uma roça de milho de um homem que morava aqui perto. Depois disso, se não fosse alguém atrás deles, eles fariam o que quisessem. Então fomos, eu e o Zé Domingo. Mas mandados pela Justiça. Prá espantar os índios com a boca da arma."

Quem me contava o episódio era um caboclo, Ireno Pinheiro, baixo, cerca de 70 anos, pés no chão, calca remendada, chapéu de palha, camisa de listras. Aparentemente uma pessoa comum, pobre como tantos outros moradores da encosta da serra Geral. uma zona de acesso difícil e imprópria tanto para a agricultura como para a criação. Na verdade, porém, por trás da aparência simples, diante de mim estava o único homem que consegui localizar no sul do Brasil auto-identificado como caçador de índios ou bugreiro, como são geralmente conhecidos tais indivíduos na região. Estimulado por minha atenção, Ireno Pinheiro continuou sua narrativa:

"Chegamos perto do acampamento dos índios numa hora feia. Era trovoada e relâmpago que não acabava mais, uma barulhada e um escurão danado. Nós tava tão perto que podia escutar eles falar. Eles tavam reunidos em torno de um fogo, na boca de uma gruta. Nós, por cima, deitados de comprido. Esticando o braço, quase dava para encostar o cano da Winchester na cabeça do mais próximo. Aí eu disse pro Zé Domingo: 'Espera eu dar a volta pelo outro lado prá começar o servico'. Assim fizemos. Tomei meu posto, dei sinal pro Zé e começamos a festa. Pam, pam, pam! Ah, uma coivara com bastante taguara não estourava tanto quanto ali. Eu tava só com a Winchester e o fação, mas eu atirava assim meio bem, segurava uma paca correndo a uns duzentos metros. Sozinho gastei prá mais de vinte balas. O falecido Zé não sei quanto gastou. Nem sei quantos morreram. E olha que a gente era só dois, já não era como antigamente, quando os companheiro da tropa eram quinze, vinte ..."

Ireno Pinheiro certamente não foi o último caçador de bugres do Brasil, mas era sem dúvida o último do lugar, Santa Rosa de Lima, um vilarejo miserável de casas escassas, onde fui parar seguindo uma confusa corrente de boatos. Até a casa de Ireno, eu levara cinco horas, vencendo a pé os 15 quilômetros que a separavam da sede do município. O jipe fora abandonado inútil no meio do caminho, à margem de um riacho que engrossara ameaçadoramente, alimentado por umas chuvas fora de época.

Espicaçando um guia preguiçoso que me fora indicado pelo prefeito, fiz questão de prosseguir. Afinal, durante anos eu vinha coletando informações sobre as matanças de índios no sul do país, matanças promovidas pelas companhias de colonização para limpar a terra, a fim de negociá-la com os imigrantes que chegavam da Europa atraídos por mil promessas de riqueza imediata. E desde o momento em que eu recebera informações sobre a existência de Ireno Pinheiro, andava obcecado por encontrá-lo.

Mais que uma testemunha, Ireno era um ativo participante do fenômeno que eu estudava. E agora, finalmente, lá estava ele, o rosto redondo queimado pelo sol e pelo vento frio da serra e onde se destacava, no lugar do olho esquerdo, uma cicatriz que purgava, resultado da explosão do ouvido de uma espingarda de carregar pela boca durante uma caçada, como ele veio a me explicar mais tarde.

Ao saber que eu me interessava por objetos índios, interrompera a narrativa e dirigira-se para o interior de sua casa de onde voltara com um saco nas mãos. Nesse trajeto, notei que usava nas costas, presa à cinta, uma garrucha de dois canos.

"Tenho aqui algumas coisas que os índios fizeram. Antigamente tinha muito por aí, isso aqui era um matão de fazer medo. Só vim prá cá com minha mulher porque a gente tinha que arrumar um pedacinho de terra, e nesse tempo . . ."

Divagava, tornava-se muito difícil arrancar-lhe as informações que realmente me interessavam, mas resolvi não interromper.

"Em cima da serra só tinha lugar para gente de dinheiro, gente que tinha léguas e léguas de campo e pinheiral. Não sendo dono, prá morar lá tinha que ser como peão, unha e carne com o patrão. Rio abaixo, era só colono. Brasileiro pobre tinha era que se meter nas brenhas, onde tavam os índios. Eu, por mim, já gostava da vida do mato, das caçadas, já tinha andado por essas bandas com meu pai, meu tio. Daí que arrumei mulher e vim botar meu rancho aqui. Não tivemos família. A mulher morreu faz mais de vinte anos. Mordida de cobra. Eu fui ficando, peguei gosto daqui, assim, sozinho . . ."

Suas pausas me preocupavam. Parecia querer dar o assunto por encerrado, olhava em volta incomodado, atento a algum ruído no mato que eu não era capaz de ouvir. Voltei à carga. E os índios, Ireno? Como foram seus primeiros contatos com eles?

"De princípio, vez ou outra eu via algum vestígio. Um barulho. Um assobio. Mas ver, não via. Só sabia que eles andavam por aí. Mas aí, um dia, fui atirar um macuco no poleiro, pertinho de casa. Disse prá mulher: 'Faz um fogo que eu vou buscar o macuco'. Pequei a espingarda e fui, já sabia do poleiro dele fazia dias. Era tardinha. Vi o bicho, fiz a mira devagarzinho e atirei: pam! Senti o estouro no chão. Arriei a espingarda e fui ajuntá, mas onde? Procurei, procurei e nada. Pensei que o cachorro tivesse ajuntado. Gritei prá mulher, perguntei se o cachorro tava solto. Não tava. Aí escutei um assobio, que nem macaco, logo em cima da grota. Vi que o malvado do bugre é que tinha pego. Arreneguei. Gritei: 'Vem cá filho do cão!' Outro assobio e mais outro. Ah, mandei chumbo na direção e vim prá casa. De noite, foi um inferno ... o que choveu de pedra no rancho! E eu mandando tiro. Mais pedra, mais tiro, assim a noite toda. De madrugada houve um berreiro enorme do lado deles, mas nem sei se acertei algum, eles sumiram. Aí jurei que índio nenhum ia me tirar dali.

"Peguei a mula e fui com a mulher até Santa Rosa. Lá é que soube da morte do irmão do meu tio, pela mão dos bugres, dois dias antes. Parece que eram os mesmos, atiraram o falecido Zé Bráulio de flecha, primeiro no braço e depois na barriga. Nessa ele caiu e os bugres vieram buscar a flecha. Aquilo tem farpa, gancho, foi puxar e os bofes

"O AÇO DESCEU PELO OMBRO ATÉ AS PARTES. CORTOU QUE NEM BANANEIRA"

saltaram fora, coitado . . . Ah, fiquei danado. Falei então com o chefe da colônia e com o delegado. Eles me deram uma Winchester 44, uma garrucha e municão e disseram pr'eu não sair de onde tava. Se os índios voltassem, era prá afugentar eles, assim não assustavam mais os colonos mais embaixo, nem roubavam as rocas. Foi aí, isso antes da revolução de 30, que mandei buscar o Zé Domingo prá morar comigo. Ele era meu parente, e juntos comecamos a socorrer os colonos quando os índios apareciam. Prá isso a gente estava sob ordem, os empregados da companhia chamavam a gente. Ou então o delegado. Mas a gente só fazia aquele espanto, não fazia outro mal. Tinha gente que pegava uma bugrinha e judiava. Nós, não. Além do que, no nosso tempo eles já eram poucos, o grosso já tinha acabado com os ataques das tropas montadas pelo governo e pelas companhias. Até meu pai teve numa dessas . . ."

Orgulhoso do passado da família, agora Ireno fala sem parar, emendando casos, mas sempre atento aos ruídos no mato.

"Numa batida que o meu pai deu com a turma do Martinho bugreiro tinha mais uns trinta, metidos ali pela Vargem Grande, onde tinham sumido umas reses de um colono. Os índios andavam por alí, mas o que eles queriam era o acampamento maior. No fim de uma semana de marcha, o Martinho fez a tropa parar e seguiu à frente, sozinho. De tardinha voltou, sabendo ao certo do acampamento. Pela madrugada, mandou atacar. O pai contava que o berreiro era dos infernos. As crianças se agarravam com as mães. Os homens atordoados não conseguiam sair do lu-

gar. A turma não tinha nem tempo de carregar as armas de novo. lam de facão mesmo, subindo e descendo, cortando. O pai lembra de uma meninota que saiu correndo pro mato quando o primo dele agarrou ela pelos cabelos e desceu o fação. O aco desceu pelo ombro até as partes. Cortou que nem bananeira. Depois, tacaram fogo nos rancho. Sobraram só uma mulher e três crianças, mas a mulher morreu logo, diz que de judiaria que fizeram com ela. As crianças, mandaram prá capital, o governador batizou elas na catedral, foi uma festa daquelas, o Martinho de herói e tal ... Agora as crianças não sei que fim tiveram. Aqui na serra, conheci muito fazendeiro que pegava no laço os índios pequenos. Os que não morreram logo, não deram em nada. Viviam bêbados, nenhum deles casou, todos morreram cedo. São uma gente ruim, esses desgracados."

Acaba o caso com ódio, os olhos varando o mato. Pergunto-lhe então de outros bugreiros, tento arrancar-lhe o máximo da memória.

"O Martinho limpou a região até pros lados de Curitiba. Mas pro sul, pro Araranguá e fronteira com o Rio Grande, já tinha outros. Era o Natal Coral, o Maneco Ângelo, o Veríssimo. No Rio Grande, mesmo, não conheci ninquém, mas sei que tinha. E pro lado de São Paulo, soube de gente de uma estrada de ferro que passava os domingos passarinhando os bugres. Muita gente comecou cedo e ganhou muito dinheiro. Besteira foi o que fez o Natal Coral. Quando voltava de uma batida, trazia as orelhas dos índios na salmoura, só pro riso. Mas depois os colonos só queriam pagar com a prova das orelhas e ele se aborreceu, parou até, que os índios já estavam ficando cada vez mais raros."

Já começa a escurecer, o guia me cutuca para que voltemos enquanto há luz, mas não ouso interromper Ireno, truncar o seu depoimento.

"Teve um alemão aqui, o Wandresen, que cismou de entrar no mato atrás dos bugres, queria também a sua orelha prá provar sua macheza. Matou um, mas no que tava tirando a orelha, pimba!, pulou outro bugre por cima dele. Rolaram, o Wandresen se defendeu na faca mas saiu ferido. Depois dessa, ficou com tanto medo da vin-





A Abril é uma grande árvore. Sem galhos.

Quando uma árvore cresce sem galhos, seu tronco fica forte. E ela cresce mais que as outras. É assim a Divisão de Serviços Gráficos da Abril.

Hoje a Abril tem o maior parque gráfico da América Latina. Suas máquinas são as mais modernas e eficientes que existem no gênero.

Atrás destas máquinas estão homens competentes que respondem pela qualidade de impressão. A qualidade que você sempre vê em nossas publicações.

Quanto à velocidade, você pode imaginar: eles dão conta de mais de 100 publicações por mês que levam a nossa arvorezinha nas capas. Você pode por esta mesma qualidade e esta mesma velocidade a seu serviço para a confecção de rótulos, embalagens, folhetos e uma infinidade de outros impressos.

E tudo isso sem encontrar um simples galho pela frente.

Nem na hora do preco.

"EU PREFIRO ATIRAR COM CHUMBO GROSSO. ASSIM NÃO TEM COMO ERRAR"

gança dos outros índios, que até se mudou prá cidade. Fez bem porque os índios vingam mesmo. Eu, por mim, não ando nunca desarmado, sei que ainda tem uns deles por aí, tou sempre preparado. Pedi ao prefeito prá me arrumar uma garrucha de cano grosso. Fizeram esta aqui. É cano de espingarda 28, carrego sempre bem socada, cada cano até o meio. Já enxergo pouco do olho que tenho, por isso prefiro chumbo grosso. Assim não tem como errar. Não se pode facilitar, os bugres vingam, são gente como nós, decerto também têm paixão pela família. A gente assusta, assusta eles, mas algum sempre sobra, não esquece. Aí, se facilitar, ele mata mesmo."

A escuridão em torno de nós vai aumentando aos poucos, o guia ameaça me abandonar caso não voltemos imediatamente. Contrariado, acabo finalmente concordando, mesmo porque Ireno me parece cada vez mais preocupado com o ruído que cresce do mato à nossa volta e endossa a urgência da nossa partida. Na despedida, ele me estende a mão calosa e parece pedir desculpas por sua situação atual, a casinha de tábuas mambembes onde mal cabe o seu catre.

"O senhor devia ter conhecido isso aqui tempos atrás, quando tudo era mato e não faltava caça. Agora tudo é colônia, só ficou a serra. A caça é pouca. Tudo é difícil. Os índios já não metem mais medo, por isso ninguém precisa mais de mim. Pouca gente vem me visitar, e eu até já perdi o jeito de contar os casos, de falar. Mas esse sertão aqui, quem limpou fui eu, Ireno Pinheiro. O pessoal sabe disso. O prefeito sabe. Os índios também. Por isso desculpe se não lhe acompanho até o rio. Não posso facilitar."